

Carta-aberta ao governador eleito de Sergipe

Pacificados os ânimos após campanha eleitoral e comemorada a expressiva vitória, é hora de formar a equipe de trabalho e delinear rumos de ação. Neste sentido, na condição de cidadão contribuinte e membro desta República, manifesto minha opinião sobre alguns aspectos do futuro governo estadual. Não tratarei de alguns pontos-chaves de qualquer governo: saúde, transporte, segurança e educação. Todos estes setores, com certeza, demandam muitos cuidados e atenções num plano de governo. Abordo, por razões de fundo profissional e existencial, o setor da chamada política cultural. Nesta seara, como noutras, Vossa Excelência encontrará muitos desafios. O primeiro deles diz respeito à escolha dos gestores dos chamados órgãos de cultura. O desafio, governador, é escolher pessoas com competência e formação na área e não, simplesmente, “companheiros” ou aliados. Um outro nó a ser desatado, neste mesmo campo, diz respeito às verbas dedicadas a estes órgãos. E tradição que eles sejam tratados como os “primos pobres” na partilha orçamentária.

Além da escolha acertada dos gestores da cultura, é conveniente, ao bem público que eles se conservem nos cargos. O que se vê, ao contrário, é a troca incessante deles. Como conduzir uma política pública seria se, a cada momento, dirigentes e equipes de trabalho são trocados ao sabor da ascensão ou queda da influência ou prestígio de pessoas ou de “grupos”?

A política editorial dos órgãos estaduais de cultura é outra questão a exigir do novo governador, engenho e coragem. Em primeiro lugar, é preciso criar uma tal política. O que vemos predominar é a publicação de livros, sem muito critério, sem existência elementar de uma comissão editorial, ao sabor da pressão de pessoas, grupos ou famílias, sem um norte, sem um rumo. Que se crie uma comissão editorial isenta, que estabeleça critérios explícitos para a edição das obras. Mas além de publicar, governador, é imperativo que os

livros circulem, que sejam distribuídos às bibliotecas públicas ou instituições públicas. Se um livro não é lido, para que publicá-lo?

Nossa biblioteca pública estadual será um outro problema a desafiar o discernimento e o compromisso de Vossa Excelência. A situação atual da nossa biblioteca, governador, beira a calamidade. A cada inverno, em alguns setores, os livros devem ser cobertos com plásticos para não serem destruídos pela ação danosa das goteiras. Aquela casa de saber carece de quase tudo. O número de pessoal é diminuto, o atendimento é precário. Imagine que, em pleno século 21, a Epifânio Dórea não tem todo seu catálogo informatizado. Outro problema da veneranda instituição é a falta de segurança do acervo. Vez por outra se tem notícia do desaparecimento de uma obra preciosa. Tempos atrás, uma revista nacional divulgou o desaparecimento de um manuscrito importante, surrupiado da nossa biblioteca.

Um outro desafio a ser vencido, governador, é, ao meu juízo, a efetivação de uma política de turismo. O turismo, além de bom transporte e hospedagem, carece de outros atrativos culturais. O turista busca – num mundo globalizado – as peculiaridades de cada lugar onde visita. É a identidade cultural, as especificidades dos lugares que busca o visitante. Assim sendo, governador, necessitamos – com urgência – de um inventário exaustivo da nossa cultura, de nosso folclore, da nossa culinária, do nosso falar. Em seguida, é preciso divulgá-la, fazê-la conhecida por nós da terra e pelos que nos visitam. Também é urgente conservar o patrimônio arquitetônico das nossas cidades, tão combatido pela especulação imobiliária e o descaso.

Os pontos até aqui considerados não esgotam – sem dúvida – os desafios que Vossa excelência encontrará na gestão da nossa cultura. Chamo atenção somente para aquelas demandas que, ao meu ver, se constituem pontos-chaves na formulação de uma política cultural republicana e efetiva.

Minhas respeitosas saudações,

Aracaju, 01 de novembro de 2006.

CNK

JORNAL DA CIDADE

C-4

ARACAJU, DOMINGO 5 E SEGUNDA 6 DE NOVEMBRO DE 2006